

ilustres a quem julgava irreverentes ou mal comportados a negra retinta e disputada pelo alto clero colonial e saudada com o invejável título de Flor do Rio de Janeiro. Ou seja a nossa heroína se distancia dos modernos heróis negros e mulheres. Em vez de construir a sua trajetória ascendente sobre a sua particularidade étnica ou o seu gênero Rosa resolve entrar mesmo no serralho do poder galgando a sua fama através da produção de visões informadíssimas por uma erudição religiosa incomum. Ela acredita na possibilidade de adquirir prestígio na sociedade colonial brasileira

através da escrita e da religião católica ou seja assimilando-se à cultura dominante da colônia. Neste sentido Rosa seria uma espécie de anti-heroína do nosso mundo atual dominado como ele é pelo multiculturalismo. Heteróclitos e quem escreve e um deles que admiramos em Rosa a sua vontade de participar no que achava melhor da modernidade da sua época independentemente de ser nascido mulher e africana. Mas que belo livro que contém tantos dados que permitem tantas leituras! Aleluia!

PETER FRY ■

O trabalho a domicílio em busca de identidade

O Trabalho Invisível Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil

ABREU Alice Rangel de Paiva e SORJ Bila (org.)

Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993. 132 p.

O livro organizado por Alice Rangel de Paiva Abreu e Bila Sorj produto da realização de um Seminário no Rio de Janeiro em junho de 1992 reúne cinco artigos sobre uma das temáticas mais instigantes do mundo do trabalho neste final de século: o trabalho a domicílio (TD). Instigante porque o capitalismo enquanto modo de produção foi capaz de organizar as sociedades através do trabalho, mas fundamentalmente através do trabalho assalariado fabril. O seu desenvolvimento propiciou uma forte segmentação entre espaço doméstico e espaço de trabalho, pelo menos aparentemente. Supunha-se na grande maioria das vezes que assim seria onde e sempre que o capitalismo fosse dominante. No entanto a permanência do trabalho a domicílio e hoje seu ressurgimento sob novo formato na esteira da transição para um novo paradigma tecnológico centrado na microeletrônica recoloca a necessidade de pensar as categorias relevantes do mercado de trabalho e as dificuldades para

apreendê-las corretamente diante das limitações das categorias clássicas de posição na ocupação.

O primeiro artigo de autoria das organizadoras faz uma revisão da literatura sobre a natureza do trabalho a domicílio, suas raízes e mudanças nas sociedades contemporâneas. O mais interessante nesta contribuição é a evidência da ligação entre o TD e as exigências da produção. Na opinião das autoras a compreensão da permanência do TD exige que se considere a importância das categorias de gênero e divisão sexual do trabalho. Em alguns casos a questão étnica e a presença de imigrantes auxiliam no entendimento deste espaço produtivo. Na bibliografia disponível sobre a temática Abreu e Sorj defendem a importância dos trabalhos feministas pela centralidade conferida às categorias de análise citadas.

Através da relação entre necessidades da produção e natureza do trabalho as autoras evidenciam as mudanças no TD desde a consolidação do capitalismo até os dias de hoje e apontam o seu caráter diferenciado a partir dos anos 80 quando sua presença se expande pelos setores produtivos e serviços modernos da economia. Assim pode-se dizer que a reestruturação tecnológica e industrial nos países centricos tem evidenciado a presença dos TD com um novo formato. Como citam as autoras na Alemanha nos anos 80 os TD foram classificados em 13 ramos industriais passando por indústrias metalúrgicas, eletrônicas e óticas (p. 12).

Na revisão da literatura internacional as autoras conseguem evidenciar que há nesta categoria de trabalhadores uma predominância de mulheres tanto nos países desenvolvidos como nos não desenvolvidos. Entretanto Courault (1982 p. 16) evidencia a trajetória diferenciada entre homens e mulheres: homens em geral são qualificados, possuem relativa força diante da empresa e a palavra-chave para exprimir tal situação é compromisso; já as mulheres são na maioria das vezes não qualificadas, encontram-se numa posição de subordinação e portanto a palavra-chave é controle. Logo para os homens chegar a ser trabalhador a domicílio faz parte de uma estratégia de escolha possibilitada por seu conhecimento e prática; enquanto para as mulheres o trabalho é a busca por uma complementação de renda.

Já o artigo de Roberto Ruas trata das relações entre trabalho a domicílio, redes de subcontratação e as condições de competição. A perspectiva do autor é considerar que as novas formas de organização industrial têm propiciado uma retomada das relações de subcontratação. Nestas relações, uma possibilidade positiva seria o fortalecimento de pequenas e microempresas (p. 25); outra é a ampliação do trabalho a domicílio formatando um rudimento de subcontratação.

O autor considera a subcontratação como uma forma de inserção na divisão social do trabalho, na qual uma das partes, a subcontratante, solicita a outra (subcontratada) a elaboração ou beneficiamento de um produto inteiro ou parte dele, sob a forma de peças ou componentes ou até mesmo um serviço (p. 26). Assim, o trabalho a domicílio se insere no quadro geral da subcontratação e abrange toda atividade realizada de forma remunerada no ambiente familiar. O autor, tal como Abreu e Sorj, aponta a predominância feminina e uma concentração ainda em setores de base técnica tradicional (confeção têxtil, couro, calçados, madeira etc.).

Outro ponto importante apontado pelo autor é a dificuldade de mensuração do ID decorrente de sua diversidade, da precariedade de suas condições e do conteúdo de informalidade que apresenta (p. 28), podendo esta dificuldade ser observada até mesmo para países desenvolvidos. Ruas destaca também o Trabalho a Domicílio Distribuído (TDD), no qual a relação de subcontratação aparece sob a forma de encomendas de empresas que são distribuídas por seus representantes em várias residências.

No caso da Indústria de Calçados no Rio Grande do Sul, apresentado pelo autor, a forma de concorrência se estabelece centrada na busca por baixos preços e o que predomina são duas configurações produtivas frágeis, tais como o Trabalho a Domicílio Distribuído (TDD) e o Trabalho a Domicílio nos Ateliers de Trabalho Manual. O autor entende que redes de subcontratação estáveis são mais difundidas em países desenvolvidos e que, no caso brasileiro, estas relações não estão ainda bem desenvolvidas. Apesar do número reduzido de pesquisas disponíveis, sabe-se que tais redes estão concentradas em alguns segmentos industriais, tais como o automobilístico e o mecânico (p. 34).

O terceiro artigo, de autoria de Abreu e Sorj, fornece um excelente exemplo do que foi colocado no primeiro capítulo do livro a partir de um estudo de caso das costureiras externas (TE) da indústria de confecção no Rio de Janeiro. Estas trabalhadoras se constituem no último elo de uma cadeia heterogênea de mulheres trabalhadoras que se inicia com as profissionais qualificadas das grandes empresas, passando pelas operárias com carteira de trabalho assinada (p. 45).

Este trabalho não deixa dúvida quanto à importância da categoria gênero para o entendimento da conformação dos mercados de trabalho. É fundamental, então, repetir o que as autoras afirmam: O processo de construção de uma identidade autônoma em relação aos papéis e expectativas sociais do mundo familiar é muito mais difícil para as mulheres. Apesar de o processo variar de sociedade para sociedade e de grupo social para grupo social, a individualidade feminina é construída mais frequentemente enquanto um membro da família, como mãe, esposa ou filha, do que como trabalhadora (p. 44).

Desse modo, fica evidente a impossibilidade de entendimento desta categoria de trabalhadoras apenas por razões estritamente econômicas. Este ponto, entre outros, é insistentemente ilustrado a partir dos resultados da pesquisa, onde as trabalhadoras, na maioria das vezes, não conseguem expressar o trabalho a partir de um cálculo puramente racional diante da intensa interligação das esferas doméstica e do trabalho, no que se refere a tempo e espaço. O eixo central para a compreensão do direcionamento destas mulheres para este tipo de atividade, segundo as autoras, decorre da possibilidade de conciliar a obtenção de renda com as obrigações domésticas, filhos,

dependente e do cônjuge (p. 46). Adicionalmente e importante destacar que se para as mulheres que trabalham a domicílio e preferível tal condição pela conciliação entre vida doméstica e trabalho e preferível também para as empresárias esta trabalhadora pela maturidade, responsabilidade e necessidade de permanência no espaço doméstico.

As condições de pagamento e a diversidade de trabalhos neste caso são extremamente facilitadas pela natureza da confecção feminina que naturalmente é passível de intensa divisão e diferenciação diante da diversidade de tecidos, moda etc. Assim, a marca maior e a fragilidade do trabalhador que, no caso do Rio de Janeiro, se retrata na variação do pagamento da unidade do mesmo item de vestuário que pode variar até 500% (p. 47) e nos prêmios e sanções estipulados para cobrir atrasos na entrega da produção acordada (p. 48).

O artigo de Maria Izilda Santos de Matos retoma a relação trabalho/mulher no ambiente doméstico no período entre 1890 e 1930 para costureiras da indústria de açúcar para o café nas cidades de Santos e São Paulo e vem contribuir para uma melhor compreensão da diversidade deste trabalho. O período analisado pela autora contempla uma fase de maior dificuldade de mensuração do trabalho urbano, notadamente aquele domiciliar realizado por mulheres. Como afirma a autora, as barreiras documentais ampliam-se neste caso, pois o trabalho era feito por mulheres, porém os materiais disponíveis eram produzidos por homens, os discursos do trabalho de greve ou da resistência se apresentavam no universal masculino englobando e simultaneamente excluindo a presença feminina (p. 65).

Nesta contribuição evidencia-se a riqueza do momento quando o trabalho domiciliar (feito à mão) e contraposto ao costurado à máquina considerado imperfeito e mais sujeito a rompimentos impondo, portanto, perdas e prejuízos. Entretanto, o que se assiste é todo um confronto entre novas e velhas formas de produzir que passam inclusive pela resistência ao trabalho fabril. É interessante destacar que, do ponto de vista da relação trabalho/espço doméstico/condição feminina, há similitude com as características apontadas pelos demais trabalhos da coletânea referidos a períodos de tempo mais recentes. Neste caso, entretanto, a relação tempo de trabalho/espço e agravada pelas condições precárias impostas pelo fato de a juta exalava, pela aspereza da fibra que provocava doença de pele e ainda pela má ilumi-

nação que propiciava sequelas à visão (p. 70). E a necessidade de extirpar do lar estas mesmas condições e de redefinir o trabalho na fábrica e então separar família (espço privado) da fábrica (espço público) que se constitui numa das razões centrais do declínio e eliminação do trabalho domiciliar na costura de açúcar.

Um outro aspecto extremamente bem desenvolvido pela autora se refere às possibilidades de luta desta categoria de trabalhadoras. Questionando a historiografia que re-produz esta trabalhadora como um modelo de passividade, a autora, a partir de documentação (considerada esparsa) e muitas vezes a partir da imprensa operária, procura compreender melhor as possibilidades de luta política das trabalhadoras a domicílio. Tanto teórica (cap. 1) como empiricamente (cap. 3) este tema emerge no livro e estas trabalhadoras são apresentadas como tendo poucas possibilidades de organização (diante, por exemplo, da separação domicílio/espço fabril) não se constituindo, portanto, em categoria de interesse para os sindicatos. Santos questiona este ponto e reúne elementos que revelam a possibilidade de ação concreta e combatividade. A meu ver, este é um ponto chave para o entendimento dos mercados de trabalho contemporâneos. Ou seja, se a reestruturação tecnológica e industrial no mundo desenvolvido tem se encaminhado para a redução do número de trabalhadores estáveis e ampliado o número de trabalhadores eventuais e flexíveis, como pensar as formas de organização destes trabalhadores? Ou será esta uma questão superada?

Finalmente, o quinto artigo, de autoria de Cristina Bruschini e Sandra Ridenti, trata do trabalho domiciliar realizado por trabalhadoras autônomas em São Paulo. O contraponto com os trabalhos anteriores é inevitável, uma vez que os demais artigos se referem a trabalhadores domiciliares submetidos a contratos de subcontratação. O suposto central do artigo é de que a distribuição na família da disponibilidade para o mercado de trabalho depende de uma série de elementos tais como sexo, idade, escolaridade, posição na família, estrutura familiar e ciclo de vida em que se encontra. Adicionalmente, esta conjugação de fatores pode ainda produzir resultados diferentes de acordo com o estrato social no qual se insere o grupo familiar. As autoras trabalham a partir de um grupo de mulheres distribuídas cuidadosamente por situação social.

O artigo insere-se numa discussão mais ampla do mercado de trabalho a partir da

dicotomia formal/informal. As autoras não aceitam o entendimento do informal como simples alternativa ao desemprego e consideram também a possibilidade de se constituir em um projeto de ascensão social. Os resultados apresentados confirmam o perfil da trabalhadora apontado por Abreu e Sorj (cap. 3): mulheres vivendo com o companheiro/marido, com filhos menores de 14 anos e na faixa etária de mais de 40 anos, na sua maioria. Do ponto de vista do mercado de trabalho, a pesquisa reforça o entendimento do trabalhador autônomo como o mais importante representante da informalidade: possuidor de instrumentos de trabalho e impondido barreiras à entrada em cada espaço produtivo. O informal evidencia-se mais uma vez como incapaz de se constituir em um imenso colchão pronto a resolver periodicamente (e como desejariam alguns permanentemente) os problemas de desemprego.

Sem dúvida esse livro vem preencher uma lacuna sobre a atualidade do mundo do trabalho, fornecendo pistas importantes para um melhor entendimento da conformação dos mercados de trabalho no Brasil, nestes tempos de reestruturação industrial e busca de qualidade. A lição central do livro a meu ver é evidenciar de forma cabal a diversidade presente no trabalho doméstico e a impossibilidade de obtermos informações necessárias a partir das estatísticas disponíveis hoje no Brasil. Portanto, se constitui num legítimo convite a novos estudos de casos. Cabe a nós pesquisadores da área atendermos ao chamado das organizadoras do livro para um aquecimento do interesse acadêmico sobre a temática. Com certeza conseguiremos, como este livro faz muito bem, conferir maior visibilidade a estes trabalhadores.

LIANA MARIA DA FROTA CARLEIAL ■

Poder, mistério e transgressão

Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição

MALUF Sonia

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187 p.

Esta obra, premiada antes mesmo de virar livro, tem todas as qualidades de um clássico e em escrita seu tema (neste caso **narrativas**) antecipa de vários anos as novas preocupações do campo intelectual e pauta um distanciamento crítico e uso judicioso das diversas teorias expostas.

Nas primeiras páginas do livro, a autora nos leva para os caminhos da Lagoa da Conceição, uma pequena comunidade de pescadores e agricultores, hoje transformados em faxineiros e trabalhadores da construção civil, na ilha de Florianópolis. Na melhor das tradições etnográficas, nos apresenta os diferentes personagens: de vovós ainda vivendo nos velhos engenhos, a surfistas inteiramente voltados para os modismos da cultura global, para nos transmitir a realidade heterogênea e cambiante da Lagoa. Com a

descrição dos territórios masculino e feminino, das práticas de namoro e casamento, dos lugares de sociabilidade e da divisão moral de trabalho, a autora já começa a esboçar uma das teses principais do livro: *A Força Feminina que Permeia a Vida Cotidiana Apesar da Ideologia Aparentemente Patriarcal*. Mas é na análise das histórias de bruxaria que descobrimos a plena pertinência deste tema.

Sintetizando diversos teóricos que estudam o assunto de Propp a Todorov, a autora define **narrativas** enquanto uma forma de discurso de caráter figurativo, onde são contadas histórias envolvendo personagens e construídas a partir de um encadeamento de ações com início, meio e fim. E no desenvolvimento do enredo dramático da narrativa que, segundo Maluf, podemos descobrir os significados subjacentes ao imaginário dos nativos e às simbolizações que não estão presentes no discurso conscientemente manipulado.

Aborda este assunto primeiro pela consideração das diferenças significativas entre os relatos masculinos e femininos. A história masculina típica é sobre um bando de mulheres, geralmente despidas, que invade, sob cobertura da noite, o barco dos pescadores, e sobre a coragem investigativa do pescador que segue as